



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

ESPÍRITO DO LUGAR: ESPAÇOS ARQUITETÔNICOS COMO EDIFICADORES DA MEMÓRIA

SPIRIT OF THE PLACE: ARCHITECTURAL SPACES AS MEMORY BUILDERS

Cássio Vinicius Carvalho de Sousa – Universidade Federal da Paraíba

José Mauro Matheus Loureiro – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;

Universidade Federal da Paraíba

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: A percepção do ambiente construído é fundamental para a análise de espaços arquitetônicos e na compreensão do potencial que esses espaços possuem como edificadores de memória, assim como sua capacidade de dialogar espiritualmente com o subconsciente humano. Através de uma abordagem teórica, destrincharemos a relação entre lugar e memória, utilizando a tríade metáforas de lugar, memórias de lugar e espírito do lugar. Conclui-se que os espaços arquitetônicos são fundamentais na produção de memória, não podendo ser abstraídos do contexto memorialístico. As memórias são formuladas dentro de um tempo e espaço, cabe ao espaço arquitetônico preencher o lugar da memória.

Palavras-Chave: Memória. Lugar. Espaços Arquitetônicos.

Abstract: The perception of the built environment is fundamental to the analysis of architectural spaces and understanding of the potential that these spaces have as memory builders, well as their ability to spiritually dialogue with the human subconscious. Through a theoretical approach, we will unravel the relationship between place and memory, using the triad place metaphors, place memories and place spirit. It's concluded that architectural spaces are fundamental in the production of memory and cannot be abstracted from the memorialistic context. Memories are formulated within a time and space, it's up to architectural space to fill the place of memory.

Keywords: Memory. Place. Architectural Spaces.

1 INTRODUÇÃO

O espaço constituído a nossa volta transita por constantes modificações, tanto físicas como sociais, que acarretam em diferentes percepções dos lugares em que passamos. São integrantes desse espaço constituído as pessoas, mobiliário urbano, passeios públicos, praças, parques, edificações, entre outros. Para este trabalho consideraremos os espaços arquitetônicos como qualquer local urbanístico (vias e calçadas, praças, parques etc.) e qualquer local edificado (edificações institucionais, comerciais, museus, teatros, ruínas etc.), capazes de trazer a tona memórias guardadas ou originar novas sensações memorialísticas.

Os espaços arquitetônicos, através da percepção do observador, ordenam elementos físicos que concentram as diferentes épocas e culturas. Esses elementos físicos estão em constante transformação de acordo com os novos contextos que vão surgindo. Partindo do conceito de Canclini (1990) de culturas híbridas, vivemos em uma sociedade fruto da contínua hibridização de culturas, aonde as conquistas territoriais, processos de colonização e a globalização contribuíram para formação da cultura atualmente predominante.

O papel do indivíduo nessa engrenagem social, que tem como plano de fundo o lugar, é tão importante quanto o próprio espaço edificado, visto que é através das interações humanas que a memória coletiva é fundamentada. Por mais que o sujeito possua a memória afetiva com determinados espaços e monumentos, não podemos ignorar que a memória em sua essência é uma experiência vivenciada e compartilhada por todos. No entendimento de Lynch (1997) as pessoas destacam-se tanto quando as partes físicas no espaço público, o autor ainda ressalta a necessidade da utilização do conhecimento prévio aliado à memória afetiva na criação da imagem da cidade.

Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e suas atividades, são tão importantes como as partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espetáculo, mas sim uma parte ativa dele [...] a nossa percepção da cidade não é integral, mas sim bastante parcial, fragmentária, envolvida noutras referências. Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles (LYNCH, 1997, p.11-12).

Partindo do conceito de espaço construído e das diferentes formas que os indivíduos percebem e participam do ambiente a sua volta, iremos a seguir para as possibilidades do local como produtor de memória, assim como sua capacidade de dialogar espiritualmente com o subconsciente humano. Abordaremos a relação entre lugar e memória na perspectiva da tríade metáforas de lugar, memórias de lugar e espírito do lugar.

2 INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E LUGAR

A informação trata-se de um termo polissêmico, com inúmeros significados, explorado pelos autores das mais diversas áreas de estudo. Entretanto a informação abordada no presente trabalho está intimamente ligada com a memória. A informação memorialística relaciona-se com o contexto de sua produção, ou seja, o espaço físico e o tempo. Segundo Azevedo Netto (2007, p.6), a informação “[...] é aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. É aquele fenômeno em que há não só a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação e consumo [...]”.

Associando a informação, memória e o lugar, podemos compreender melhor a contribuição que os espaços arquitetônicos possuem na estruturação da memória coletiva. No entendimento de Silva e Ribeiro (2002 apud Robredo, 2003, p.4) “A informação apresenta-se-nos em estruturas, formas, modelos, figuras e configurações, em idéias, ideais, e ídolos, em índices, imagens e ícones; [...] em sinais, signos, significantes e símbolos [...]”. Seguindo esse raciocínio, um espaço edificado ou construído pelo homem (compreendido como um espaço arquitetônico) poderá auxiliar significativamente na criação e disseminação da memória informacional.

A memória e o lugar assumirão um peso maior nas futuras discussões deste trabalho, pois entendemos que são mais pertinentes para atingir os objetivos propostos e esclarecer as possibilidades. As imagens formadas na memória estão intrinsecamente ligadas na relação tempo e espaço, considerando o tempo no aspecto cronológico e o espaço na perspectiva física construída. A união do tempo e espaço culmina na produção do contexto social em que a memória é edificada.

Os espaços arquitetônicos através do tempo foram discutidos pela literatura sobre diferentes aspectos com relação à memória. Abordaremos esses aspectos em três linhas de raciocínio, instituídas no presente trabalho, que dialogam com o tema proposto. Na primeira linha intitulada metáforas de lugar, são discutidas as possibilidades do uso de metáforas de lugares e edificações como forma de estruturar raciocínios memorialísticos. A segunda linha denominada memórias de lugar, ilustra a capacidade que espaços públicos, edificações e até mesmo cidades inteiras possuem para produzir memórias. A terceira linha, chamada espírito do lugar, remete a possibilidade do lugar desencadear sensações místicas e sobrenaturais, no momento em que pessoas são imersas em seu espaço físico.

2.1 Metáforas de lugar

O uso das metáforas, de forma genérica, é feito essencialmente pela tentativa de explicar algo que não se apresenta claro através de analogias que representam determinado objeto. Tais comparações aproximam o objeto discutido de prévios conhecimentos que acabam por facilitar a absorção das novas informações.

Para Assmann (2011, p.170), “desde que há as técnicas mnemônicas [...] existe uma ligação inseparável entre memória e espaço”. A utilização de metáforas com locais, principalmente edificações com suas salas ou ambientes, foi utilizada ao longo do tempo por filósofos e psicanalistas para explicar as diferentes áreas do cérebro responsáveis pela memória de forma mais didática.

No entendimento de Freud (1937) o trabalho do psicanalista se assemelha com o do arqueólogo, pois o psicanalista necessita analisar os resquícios encontrados com o máximo cuidado na busca de respostas. De acordo com Benjamin (1994, p.239), “a memória [...] é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas”. Identificamos em ambos a relação das camadas do cérebro humano com as camadas sedimentares encontradas nas ruínas e no próprio solo, aonde as escavações destinam-se a compreender um ambiente contextualizado e particular dos seres humanos.

Com relação à edificação de uma memória, podemos utilizar a metáfora do palácio da memória de Santo Agostinho. Segundo Agostinho (1999, p.266), “Transporei, então, esta força da minha natureza, subindo por degraus até Àquele que me criou. Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie”.

Apesar do uso de metáfora ser uma prática comum pelos filósofos e pensadores, o lugar nesse aspecto é utilizado de forma genérica e fantasiosa. Podemos ressaltar a criatividade dos produtores, porém a noção de contexto é anulada em função da simplificação para o entendimento.

2.2 Memórias de lugar

Na perspectiva histórica os locais da memória podem ser edificações, marcos, monumentos, esculturas, pinturas, fotografias, livros, entre outros. Partindo para um olhar arquitetônico de espaço físico, podemos considerar os parques, edificações, centros históricos e até mesmo uma cidade inteira como fomentadores de memória. No entendimento de

Assmann (2011), buscamos nas imagens da memória espaços estruturados, dessa forma poderíamos considerar os espaços arquitetônicos como corporificações da memória.

Os parques e praças de uma cidade costumam atrair pessoas para usufruir de seus espaços físicos e por consequência tornam-se produtores memorialísticos em massa. No entendimento de Jacobs (2000, p.97), “Os parques são locais carentes que precisam da dádiva da vida e da aprovação conferida a eles. As pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso”.

Os museus, bibliotecas, teatros, cinema etc., além do potencial memorialístico, contribuem positivamente na cultura e identidade de uma população. Os centros históricos e cidades mundialmente conhecidas que fazem parte do patrimônio material da humanidade possuem grande apelo na memória coletiva.

A cidade de Jerusalém é um local exemplar da memória, particularmente profícuo por dois motivos. Por um lado, revela de que maneira um local da memória oscila entre ser um local de temor sacro e um local histórico da memória; por outro lado, revela como um local da memória se torna palco de luta entre comunidades de recordação adversárias (ASSMANN, 2011, p.325).

Os locais nem sempre nos remetem a boas memórias, determinados espaços e edificações desencadeiam traumas guardados por situações vivenciadas naquele espaço físico. Segundo Assmann (2011, p.349), “Enquanto o local de recordação se estabiliza por meio da história que se conta sobre ele [...] o local traumático se vê assinalado pela impossibilidade de narrar a história”.

Independente do tipo de memória que o lugar remete ao indivíduo sejam boas recordações ou traumas, o potencial do espaço arquitetônico em resgatar memórias já o torna um objeto memorialístico. Quando a capacidade transcende o espaço físico, passando para uma esfera espiritual ou no momento em que ultrapassa o limite dos nossos sentidos já se insere na categoria de espírito do lugar.

2.3 Espírito do lugar

O espírito, de forma mais simbólica, pode ser considerado como uma camada mais profunda na memória, um lugar onde se deve mergulhar de corpo inteiro sem que haja controle consciente da massa corpórea. No entendimento de Agostinho (1999, p.273), “o espírito é a memória [...] quando confiamos a alguém qualquer negócio, para que se lhe grave na memória, dizemos-lhe: ‘Vê lá, grava-o bem no teu espírito’”.

A perspectiva que vamos adotar para espírito se aproxima mais do termo latino “*Genius loci*” que remete ao espírito do lugar, expressão que se popularizou na arquitetura através da produção literária moderna. Para Rossi (2001, p.147), “a escolha do lugar tanto para uma construção como para uma cidade tinha um valor preeminente no mundo clássico: a ‘situação’, o sítio era governado pelo ‘genius loci’, pela divindade local”. Com isso Aldo Rossi (2001) destaca a importância que era dada, no período clássico, para o espiritualismo e aspectos divinos na escolha de locais que seriam erguidas as cidades e edificações. Possivelmente esses aspectos subjetivos (espírito e divindade) na escolha de locais para o surgimento de civilizações, estariam associados a aspectos objetivos como a topografia e recursos naturais disponíveis no entorno.

Percorrendo para uma abordagem sociológica da memória, que seria o campo mais livre e oportuno na temática “espírito do lugar”, vamos adentrar na relação lugar como edificação consolidada capaz de produzir memória nos indivíduos. As igrejas e templos sagrados são as edificações que a princípio surgem no imaginário coletivo quando falamos de espiritualidade, alma e divindade. Segundo Assmann (2011, p.322), “são considerados sagrados os locais em que se pode vivenciar a presença dos deuses [...] o local sagrado é uma zona de contato entre Deus e o homem”. Partindo para a visão do cristianismo, os locais sagrados nem sempre são edificações, mas podem surgir como montes, pedras e monumentos, sejam feitos pelo homem ou de forma divina.

Uma analogia interessante com templo é abordada por Bauman, onde o mesmo sugere que o shopping center é um templo de consumo no qual perdemos a noção de tempo e espaço. De acordo com Bauman (2001, p.115), “o que quer que possa acontecer dentro de um templo de consumo tem pouca ou nenhuma relação com o ritmo e teor da vida diária que flui ‘fora dos portões’. Estar num shopping center se parece com ‘estar noutra lugar’”.

Utilizando a noção de tempo as edificações da memória podem ser exaltadas, cada vez mais, perpetuando a sua fama ou simplesmente cair no esquecimento. O esquecimento não é sempre um aspecto negativo, alguns tipos de edificações se consolidam na neutralidade. Para Assmann (2011, p.342), “os verdadeiros heróis do romance gótico são os edifícios, assombrados pelo espírito de um tempo antigo. Quanto mais as pessoas se esquecem, mais se intensifica a aura dos locais e seus objetos remanescentes”. Quando essas esquecidas edificações vêm à tona, elas podem ganhar status de fortes memórias. Segundo Agostinho (1999, p.276), “o esquecimento se enraíza na memória, foi preciso se achar presente para que

a memória pudesse captar a imagem”. A noção de enraizamento da memória que Santo Agostinho traz é similar à ideia de grau de profundidade do esquecimento que Ricoeur (2007) trata, relacionando esses graus com os níveis da memória cognitiva.

O espírito do lugar seria a experiência mais mística na tríade do lugar, assim podemos sentir a quietude pesada de um cemitério à noite, a grandiosidade da fé em uma celebração religiosa e vivenciar a história de uma civilização nas ruínas de uma cidade. O espaço físico construído onde ocorre essa elevação espiritual funciona como um desencadeador, pois transporta o indivíduo para novos mundos, criando ligações diretas com existências imateriais, podendo até distorcer a relação tempo e espaço.

Por se tratar, na perspectiva psicológica, de uma experiência particular, o espírito do lugar não está restrito a memória coletiva, não há regras previamente estabelecidas e a forma como indivíduos são afetados varia de acordo com suas experiências de vida. Apesar do relato escrito, o espírito do lugar só será plenamente compreendido quando desprendermos das amarras racionais e passarmos a senti-lo em nosso interior.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se ilustrar o potencial do uso do lugar (espaço arquitetônico) como edificador de memória. Para isso foi necessário inicialmente exemplificar e conceituar os termos “espaço construído”, “espaço arquitetônico” e “percepção do indivíduo”. Após essa familiarização introdutória simplificada, criou-se o embasamento necessário para discutir os diversos aspectos da relação de memória e lugar.

A tríade memória-lugar foi introduzida a partir da linha intitulada metáforas de lugar, aonde foram discutidas as possibilidades do uso de metáforas de lugares e edificações como forma de estruturar raciocínios memorialísticos. Em sequência a linha denominada memórias de lugar, ilustrou a capacidade que espaços públicos, edificações e até mesmo cidades inteiras possuem na produção de memórias. Posteriormente, na linha chamada espírito do lugar, discutiu-se sobre a possibilidade do lugar desencadear sensações místicas e sobrenaturais, no momento em que pessoas são imersas em seu espaço físico.

A memória como área de pesquisa abrange inúmeras possibilidades a percorrer, delimitamos o objeto de estudo em espaços arquitetônicos como edificadores da memória pelos caminhos que queríamos traçar. A divisão da tríade de lugar foi uma ramificação

pertinente ao trabalho, porém poderiam ser adotadas novas classificações de acordo com o interesse e conhecimentos prévios de quem produz o texto.

Conclui-se que os espaços arquitetônicos são fundamentais na produção de memória, não podendo ser abstraídos do contexto memorialístico. As memórias são formuladas dentro de um tempo e espaço, cabe ao espaço arquitetônico preencher o plano de fundo ou até mesmo estrelar o filme da memória.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. Confissões. In: **Os pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier. Informações e memória: as relações na pesquisa. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, UFGD, v. 1, n. 2, p.1-19, jul./dez. 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BENJAMIN, W. Escavando e recordando. In: _____ **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, volume II).

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de La modernidad: Argentina, Grijaldo, 1990.

FREUD, S. (1937). **Konstruktionen in der Analyse [Construções em análise]**. In: FREUD, S. Studienausgabe. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1975. vol. suplementar.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida das grandes Cidades**. São Paulo. 1º ed. abril de 2000.

LYNCH, Kevin; CAMARGO, Jefferson Luiz. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes:1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

ROBREDO, J. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus: SSRR Informações, 2003.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.